



O PAPEL DOS GRUPOS DE MULHERES NO FORTALECIMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SERIDÓ POTIGUAR

Anelisse da Silva Pinheiro

*(Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
anelissepnhr1@gmail.com)*

Emily Kadidja de Medeiros

*(Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
emilykadidjademedeiros@gmail.com)*

Maria Flávia Dantas da Cruz

*(Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
fymaria5@gmail.com)*

Ozeane Araújo de Albuquerque da Silva

*(Mestre em Serviço Social e Assistente Social na Cáritas Diocesana de Caicó,
ozeanealbuquerque@yahoo.com.br)*

Leandro Vieira Cavalcante

*(Doutor em Geografia e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
leandro.cavalcante@ufrn.br)*

RESUMO

Objetiva-se discutir o papel dos grupos de mulheres agricultoras no fortalecimento da Economia Solidária no Seridó Potiguar, em particular a atuação de grupos de mulheres assessorados pela Cáritas Diocesana de Caicó nos municípios de Lagoa Nova e Bodó. Na metodologia, utilizou-se de abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e realização de visitas *in loco* nas comunidades, mediante entrevistas semi-estruturadas, rodas de conversa, além de participação em feiras e cursos realizados em 2024. Os resultados demonstram que os grupos de mulheres fortalecem a Economia Solidária através da realização do trabalho coletivo, no âmbito da produção e da comercialização, gerando renda e promovendo práticas de autogestão, cooperação e solidariedade. A atuação dos grupos de mulheres agricultoras evidencia a importância da organização coletiva para enfrentar desigualdades de gênero e fortalecer as experiências dessa modalidade de economia que se contrapõe à economia capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos de Mulheres. Economia Solidária. Trabalho Coletivo. Seridó Potiguar.

Identificação do GT: GT 02 - Estudos Agrários

1. INTRODUÇÃO

A Economia Solidária manifesta-se como uma estratégia de desenvolvimento solidário, pautada no exercício dos princípios da reciprocidade, ajuda mútua e autogestão (Singer, 2002), com forte destaque para a atuação sobretudo das mulheres. De acordo com Nobre (2003), a Economia Solidária, mediante o trabalho coletivo das mulheres, tem se tornado essencial para a busca por equidade de gênero no âmbito das relações econômicas. Nesse aspecto, Nobre (2003, p. 5) destaca:

As experiências alternativas de geração de renda surgem para as mulheres como possibilidade de acesso à propriedade dos meios de produção mediante

a propriedade coletiva, e à remuneração; e principalmente como a oportunidade de vivenciar outra relação de trabalho baseada no companheirismo, na gestão democrática.

A Economia Solidária, através do estímulo ao trabalho coletivo, é essencial para o desenvolvimento da autonomia e do fortalecimento de empreendimentos solidários femininos. Juntas e no coletivo, as mulheres conseguem produzir, gerar renda e gerir empreendimentos baseados nas dimensões da autogestão, cooperação e solidariedade (Singer, 2002). Desta maneira, a dinâmica organizacional de grupos de mulheres que aderem a esse modelo contra-hegemônico representa uma forma de resistência ao sistema capitalista, promovendo justiça social, emancipação e sustentabilidade.

Na região do Seridó Potiguar, particularmente nos municípios de Lagoa Nova e Bodó, registra-se a ocorrência de 10 grupos de mulheres agricultoras que se organizam e produzem a partir da perspectiva da Economia Solidária. As agricultoras pertencentes aos núcleos coletivos são assessoradas pela Cáritas Diocesana de Caicó, os quais, juntos, compõem o Fórum de Mulheres de Economia Solidária do Seridó. Ademais, são contempladas por ações de extensão do Grupo de Pesquisa e Extensão Territórios do Semiárido (SEMIAR), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Caicó.

Os referidos grupos produzem diversos produtos oriundos da agricultura familiar, já que as mulheres são agricultoras, além de fabricar peças de artesanato. Para além da produção, a comercialização também é realizada coletivamente, por meio de feiras, eventos e outras oportunidades. O acompanhamento realizado pela Cáritas e pelo SEMIAR proporciona capacitações, cursos, oficinas, feiras, intercâmbios e assessoria técnica juntos aos grupos e às mulheres. Com isso, essas mulheres desempenham um papel fundamental no fortalecimento da Economia Solidária na região, já que, no trabalho coletivo, elas conseguem reforçar uma economia que vai contra aos ideais unitários e desiguais do grande capital, já que:

A economia solidária se propõe romper a divisão social do trabalho: a separação entre o proprietário dos meios de produção e a pessoa que vende sua força de trabalho, com a propriedade coletiva, entre trabalho intelectual e trabalho manual, com a gestão democrática e práticas inovadoras de organização do trabalho (Nobre, 2003, p. 6).

Diante disso, as experiências de Economia Solidária, expressas por esses grupos localizados no Seridó Potiguar, são sinônimos de cooperação e solidariedade e demonstram grande importância para a região. Dessa forma, o presente trabalho objetiva analisar o papel

dos grupos de mulheres no fortalecimento da Economia Solidária no Seridó, demonstrando como eles se organizam, comercializam e desenvolvem novas oportunidades a partir da autogestão, da cooperação e da solidariedade.

2. METODOLOGIA

Este trabalho parte de uma abordagem qualitativa, com metodologia centrada em revisão bibliográfica acerca dos princípios da Economia Solidária, compreendendo o trabalho coletivo das mulheres e a importância da questão de gênero. Ademais, também foram realizadas atividades junto aos grupos de mulheres, para que pudesse ser possível fazer uma análise da construção desse trabalho coletivo. Dentre essas atividades, destaca-se a realização e a participação em feiras solidárias, realizadas em outubro e dezembro de 2024, e em curso de capacitação sobre Economia Solidária, realizado entre agosto e setembro de 2024. Adicionalmente, foram realizadas visitas *in loco* aos grupos de Lagoa Nova e Bodó.

Nas visitas *in loco*, ocorridas em agosto de 2024, foi possível conhecer os 10 grupos de mulheres. A partir disso, realizou-se rodas de conversas com as mulheres dos núcleos, bem como entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas, transcritas e analisadas, a fim de verificar a contribuição dos grupos para o fortalecimento da Economia Solidária. A partir dessas vivências, foi possível levantar dados sobre a dinâmica interna dos grupos, os desafios enfrentados, as estratégias de produção e comercialização coletiva e os impactos sociais e econômicos percebidos pelas participantes. O contato direto com as integrantes dos grupos também favoreceu a escuta sensível, respeitando os saberes e os relatos das mulheres como fontes legítimas de conhecimento (Rigotto, Leão e Melo, 2018).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Singer (2008, p. 289), a Economia Solidária é “um modo de produção que se caracteriza pela igualdade”, a qual se materializa na gestão democrática dos empreendimentos econômicos solidários através do exercício de diversos princípios. O autor supracitado destaca que essa igualdade se expressa sobretudo na posse coletiva dos meios de produção, o que impacta diretamente na forma de gestão, a qual se dá de modo compartilhado, ou seja, através do exercício do princípio da autogestão.

Sendo assim, a Economia Solidária, ao pontuar relações baseadas na igualdade, se constitui numa importante ferramenta contra as desigualdades de gênero, favorecendo a

autonomia das mulheres. Nessa perspectiva, o trabalho coletivo e solidário realizado entre as mulheres, segundo constatado por Costa (2011), significa muito mais do que apenas uma nova maneira de produzir, mas sim uma alternativa de trabalharem e comercializarem com foco na solidariedade, cooperação e autogestão.

. Os grupos de mulheres objeto desta pesquisa se distribuem da forma como é apresentado o Quadro 1, representando os 10 coletivos econômicos solidários assessorados pela Cáritas Diocesana de Caicó, em Lagoa Nova e Bodó/RN. Esses grupos produzem e comercializam de forma coletiva, alternando suas produções entre hortaliças, verduras e frutas advindas da agricultura familiar, como também doces, bolos e bolachas, além de peças de artesanato, entre outros produtos.

Quadro 1 – Grupos de mulheres atuantes na Serra de Santana/RN e assessorados pela Cáritas

Nome do grupo	Ano de fundação do grupo	Quantidade de mulheres participantes	Município	Principais atividades desenvolvidas
Flores de Macambira	2021	32	Lagoa Nova	Produção de bolos, biscoitos, óleos vegetais e de hortaliças.
Flores do Campo	2022	18	Bodó	Produção de tortas, bolos, biscoitos, doces e hortaliças.
Mulheres de Maria	2022	29	Lagoa Nova	Produção de tortas, bolos, biscoitos, doces e hortaliças.
Mãe Maria	2022	25	Bodó	Produção de pães, tortas, bolos, biscoitos, doces, hortaliças, frutas e tubérculos.
Mulheres Renovadas	2016	24	Bodó	Produção de biscoitos, doces e hortaliças.
Mulheres Vitoriosas	2021	22	Lagoa Nova	Produção de biscoitos, doces, cocadas e hortaliças.
Mulheres Criativas	2023	13	Lagoa Nova	Produção de biscoitos, doces, geleias, cocadas e hortaliças.
Flores de Xique Xique	2023	11	Bodó	Produção de hortaliças.
Florescer da Serra	2019	14	Lagoa Nova	Produção de biscoitos, doces e hortaliças.
Sabores e Delícias de Umarizeiro	2014	07	Lagoa Nova	Produção de bolos, biscoitos e de hortaliças.

Fonte: Elaborado pelos Autores (2025).

Diante da dinâmica de cada grupo, é possível constatar a materialização dos princípios da Economia Solidária, principalmente no que se refere à administração democrática que, segundo Singer (2002), se traduz na autogestão. Diante do exercício prático deste princípio, as mulheres se organizam, compartilham responsabilidades, tarefas e decisões. Nas visitas *in loco* realizadas nos grupos, questionou-se às mulheres sobre seus entendimentos acerca da Economia Solidária. Dentre inúmeras respostas, uma se destaca:

[...] o que eu entendo da economia solidária é a solidariedade de uma com as outras. Não tem negócio de a pessoa estar querendo ser mais que a outra. Se eu faço uma coisa que aquela outra pessoa não faz, mas ela já vai fazer outra atividade, nós precisamos, todo mundo junto, pensando no bem-estar de todas (Relato de uma das mulheres entrevistadas).

Relatos como esse demonstram a importância da coletividade e solidariedade entre elas. Nessa perspectiva, as mulheres trabalham e se relacionam, proporcionando igualdade e acolhimento. Assim, a Economia Solidária fortalece o feminismo e a economia feminista (Santos, 2009). Um exemplo disso pode ser verificado na forma como as mulheres se organizam para a produção nos quintais produtivos. Cultivados em sua maioria pela figura feminina, os quintais produtivos apresentam-se como uma tecnologia social secular criada socialmente por mulheres camponesas, por se tratar de espaços que potencializam práticas eficientes de uso da terra e dos recursos naturais. (Silva e Silva, 2022)

Nos quintais, o trabalho feminino empregado potencializa a incorporação de diversas culturas, como coentro, alface, cebolinha, couve, tomate, cenoura, berinjela, quiabo, pimenta, dentre outros cultivos, além de plantas medicinais e frutíferas, que auxiliam na segurança alimentar das agricultoras e das pessoas das comunidades que consomem os produtos. Para essa produção, há uma organização coletiva para o manejo, colheita e comercialização, fazendo com que todas participem do processo, como ilustrado na Figura 1.

Figura 1 - Trabalho coletivo das mulheres nos quintais produtivos.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

A divisão do trabalho está ancorada na solidariedade e cooperação. Para Singer (2002, p. 9), a “solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualitariamente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar”. Com isso, evidencia-se a importância desse trabalho coletivo das mulheres organizadas em grupos para a construção e fortalecimento da Economia Solidária. No que se refere aos rendimentos, eles são distribuídos igualmente entre as mulheres. Esse processo é mencionado por uma das mulheres em entrevista, que afirma:

Tudo que a gente faz é dividido para o grupo. Não temos nenhuma diferença em termos de divisão do que trabalhamos juntos. Trabalhamos para a Prefeitura de Lagoa Nova e para a Prefeitura de São Vicente e, quando recebemos os pagamentos, tiramos as despesas e dividimos para todas iguais os lucros. [...] O mais importante para as mulheres dos grupos é ser economia solidária (Relato de uma das mulheres entrevistadas).

Esse relato consegue transparecer a divisão no gerenciamento da produção, bem como na forma da divisão dos rendimentos, proporcionando assim que mulheres que antes não tinham nenhuma ou pouca renda, possam trabalhar por uma remuneração justa. A questão da remuneração é algo bastante evidenciado nos relatos, já que para essas mulheres, a Economia Solidária emerge como uma oportunidade para geração de renda, como discute Nobre (2003), fazendo com que elas tenham outra forma de relação com o trabalho.

Dialogando com a produção, as mulheres também pensam na sua comercialização a longo prazo, de modo que elas produzem e comercializam coletivamente. Com o dinheiro obtido a partir dessas atividades, elas conseguem tanto destinar um montante para a divisão entre o grupo, como também separam parte desse valor para garantir suas próximas produções.

Esses diferentes são importantes para os empreendimentos solidários terem rotatividade e sustentabilidade econômica, assim assegurando uma produção a longo prazo. Essa organização é mencionada por uma das mulheres entrevistadas:

Sempre temos clientes bem satisfeitos, e quando a gente vende o coentro, a gente pega aquele dinheiro que a gente vende, e compra mais sementes, compra os regadores, paga água, a gente tira daqui para pagar água, tira daqui para comprar semente, tira daqui para comprar regador, e sem contar que essa horta na minha vida, ela me mudou completamente [...] (Relato de uma das mulheres entrevistadas).

Outra maneira que elas encontram de se organizar é a partir da comercialização de produtos. Normalmente, essa comercialização ocorre nas próprias comunidades em que as mulheres residem. Elas também participam de Feiras da Agricultura Familiar e de Economia Solidária, como ilustra a Figura 2. Nessas feiras, as mulheres veem grande oportunidade de ampliar suas vendas, já que elas podem ter contato com um novo público, como foi o caso das feiras realizadas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2024, além de demais feiras que contaram com a participação dos grupos de mulheres, como a Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária, que ocorre em Crateús/CE, a Feira do Agricultor de Lagoa Nova e a Feira de Artesanato dos Municípios do Seridó (Famuse), que ocorre em Caicó/RN.

Figura 2 - Mulheres comercializando na Feira de Economia Solidária no CERES.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

As feiras de Economia Solidária figuram enquanto uma oportunidade para essas mulheres, já que, como observado por Santos (2023), as feiras proporcionam um aumento na geração de renda das mulheres, dando visibilidade aos produtos advindos tanto da agricultura familiar, como também do artesanato. Assim, “[...] dando a essas mulheres, autoestima de ter

sua própria renda” (Santos, 2023, p. 42). Desse modo, a comercialização em feiras vem sendo uma atividade bem avaliada pelas mulheres dos grupos, diante de suas potencialidades enquanto gerar renda e divulgar o trabalho por elas realizado.

Uma outra experiência que foi possibilitada às mulheres tratou da realização do Curso Gênero e Economia Solidária no Semiárido, em que, nessa oportunidade, os grupos de mulheres passaram por uma capacitação englobando os princípios da autogestão, solidariedade e coletividade, essenciais para a consecução da Economia Solidária, de acordo com Singer (2008). Nessa perspectiva, em 2024, entre os meses de setembro e outubro, foi realizado o curso supracitado, que ocorreu de forma presencial em Caicó/RN, ilustrado na Figura 3, o qual foi uma iniciativa do Grupo SEMIAR e da Cáritas Diocesana de Caicó, em parceria com o Fórum de Mulheres da Economia Solidária do Seridó. Tratou-se de um curso destinado exclusivamente às mulheres agricultoras e artesãs do Seridó Potiguar, que atuam em grupos/empreendimentos econômicos solidários.

Figura 3 - Participantes do Curso de Economia Solidária.



Fonte: Acervo dos autores (2024).

Durante o curso, contou-se com uma diversificada programação subdividida em quatro dias de encontros formativos, realizados nos turnos da manhã e da tarde, obtendo participação de 300 mulheres que desempenharam atividades práticas, oficinas e discussões acerca da temática. Através do curso, as mulheres que compõem os empreendimentos/grupos solidários tiveram a oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre a Economia Solidária, capacitando-as para a produção e comercialização coletiva, mas não somente isso, esse processo formativo promoveu também o empoderamento das mulheres. Essa iniciativa demonstra que, para Silva (2024), a partir do coletivo elas conseguem se enxergar enquanto sujeitas de direitos e se fortalecem perante as adversidades.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, observa-se que onde a perspectiva da Economia Solidária é implementada há um impacto significativo na vida das mulheres, ao desempenhar um papel fundamental na autonomia, na construção de saberes e na promoção da coletividade, considerando essas mulheres enquanto sujeitas de direitos (Nobre, 2023; Costa, 2011; Silva, 2024). Contribui-se, dessa forma, para a diminuição das desigualdades de gênero no campo, ao promover o trabalho realizado pelas mulheres e, por conseguinte, mediar a inserção da mulher em circuitos de comercialização locais.

Desta forma, a Economia Solidária se apresenta como uma alternativa viável e de resistência a um modelo econômico tradicionalmente excludente, baseado na exploração, nas desigualdades e na opressão (Singer, 2001). Isso se faz presente na priorização de valores como a autogestão, cooperação, preço justo, sustentabilidade e consumo consciente, que, associados à organização destes grupos de mulheres, promovem a inclusão social e valorização da dignidade humana.

Diante do exposto ao longo deste trabalho, evidencia-se que, por meio das experiências analisadas, a partir da Economia Solidária é possível conciliar atividade econômica com responsabilidade social, promovendo um modelo de gestão econômica que gera trabalho digno, renda familiar e participação coletiva das mulheres. Além disso, denota-se a relevância do papel dos grupos de mulheres no fortalecimento da Economia Solidária no Seridó Potiguar, difundindo suas práticas e seus princípios.

Podemos concluir que por meio do trabalho organizado e coletivo das mulheres e da participação em processos formativos, as mulheres não somente contribuem para o fortalecimento da Economia Solidária, como também ressignificam seu papel na sociedade, tornando-se protagonistas de suas próprias trajetórias. Os grupos de mulheres, assessorados pela Cáritas Diocesana de Caicó, demonstram, de forma prática, como a união, a autogestão e o compartilhamento de saberes podem transformar realidades, promovendo um caminho efetivo para o desenvolvimento local baseado na justiça social e na equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jussara Carneiro. Mulheres e economia solidária: hora de discutir a relação! **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 19-27, 2011.



GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária diante do modo de produção capitalista. **Caderno CRH**, Salvador, v. 16, n. 39, p. 181 - 211, 2003.

NOBRE, Miriam. Mulheres na economia solidária. *In*: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 205-211.

RIGOTTO, Raquel Maria; LEÃO, Fernando Antônio Fontenele; MELO, Rafael Dias de. A Pedagogia do Território: desobediências epistêmicas e insurgências acadêmicas na práxis do Núcleo Tramas. *In*: RIGOTTO, Maria Raquel; AGUIAR, Ada Cristina Pontes; RIBEIRO, Livia Alves Dias (Org.). **Tramas para justiça ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias**. Fortaleza: UFC, 2018. p. 345-396.

SANTOS, Ana Lorena Bezerra dos. **Gênero e economia solidária na Feira da Diversidade do Seridó**. 2023. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó, 2023.

SANTOS, Graciete. Economia solidária e feminista: um encontro possível. **Cadernos Feministas de Economia e Política**, v. 5, p. 69-90, 2009.

SILVA, Ozeane Araújo de Albuquerque da. “Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando sem medo de ser mulher”: a experiência organizativa do fórum de mulheres de economia solidária do Seridó. **Revista Tocantinense de Geografia**, Porto Nacional, v. 13, n. 30, p. 264–288, 2024.

SILVA, Márcia Regina Farias da; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. **Quintais agroecológicos**: tradição, cultivo, conhecimento. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2022.

SINGER, Paul. Economia solidária versus economia capitalista. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 16, p. 100-112, 2001.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. Economia solidária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.
